

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

GEOGRAFIA SOCIAL DA METRÓPOLE: SALVADOR E SUA REGIÃO METROPOLITANA

Gilberto Corso Pereira (UFBA)

Inaiá Maria Moreira de Carvalho (UFBA)

Geografia Social da Metrópole: Salvador e sua Região Metropolitana

Resumo

Este artigo apresenta a metodologia e resultados de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo principal entender a Geografia Social de Salvador e sua Região Metropolitana. Neste processo foi formada uma ampla base de dados, espaciais e não-espaciais. Os dados não-espaciais, censitários, foram usados para analisar a estrutura espacial da Região Metropolitana que foi espacializada, revelando a sua distribuição geográfica e as formas de segregação sócioespaciais que caracterizam Salvador e sua Região Metropolitana. Tendo como suposto teórico que o trabalho constitui a variável básica para a compreensão da estratificação, das hierarquias e da própria estrutura social, o trabalho usou como dado central para descrever a hierarquia social as ocupações da população tal como coletadas pelo IBGE.

1. A divisão social do espaço

A trajetória de Salvador e as transformações que levaram à constituição da RMS produziram uma metrópole segmentada, segregada e muito desigual.

Para analisar essa realidade foram, inicialmente, tomadas as informações sobre a ocupação da população coletadas pelo IBGE no Censo, classificando-as, a seguir, em categorias mais abrangentes - CATs, de acordo com a metodologia utilizada pelo Observatório das Metrôpoles (Ribeiro e Lago, 2000). Tendo como suposto teórico que o trabalho constitui a variável básica para a compreensão da estratificação, das hierarquias e da própria estrutura social, essas CATs traduziriam, em grande medida, o lugar que as pessoas ocupam nas relações econômicas, bem como a dimensão simbólica que tem esse lugar (Bourdieu, 1989).

A estrutura social, tal como definida pela agregação das ocupações que resultou nas CATs é o componente básico da elaboração das tipologias que refletem como as categorias sócio-ocupacionais se distribuem no espaço metropolitano. O processo pode ser resumido na análise de como as CATs ocupam áreas definidas da metrópole.

A correlação entre os dados das CATs – estrutura social – e as AEDs – recorte territorial, através de técnicas estatísticas resultou nas tipologias socioespaciais. As AEDs, ou áreas de ponderação, são áreas “*que conjugam critérios tais como, tamanho, contigüidade (no sentido de serem constituídas por conjuntos de setores limítrofes com sentido geográfico) e homogeneidade em relação a um conjunto de características populacionais e de infra-estrutura conhecidas*” (IBGE, 2002). A RMS se divide em 108 AEDs que são agregações de setores censitários que se constituem na menor unidade territorial que o IBGE disponibiliza para os dados da amostra do Censo Demográfico 2000.

Quadro 01 - Distribuição das AEDs na RMS

| MUNICÍPIO | AEDs |
|------------------------|------|
| Camaçari | 7 |
| Candeias | 1 |
| Dias D'Ávila | 1 |
| Itaparica | 1 |
| Lauro de Freitas | 5 |
| Madre de Deus | 1 |
| Salvador | 88 |
| São Francisco do Conde | 1 |
| Simões Filho | 2 |
| Veracruz | 1 |
| total AEDs | 108 |

Levando em conta como as categorias ocupacionais encontravam-se representadas nas diversas áreas da Região Metropolitana de Salvador, foi elaborada uma tipologia que as classificou (de acordo com a composição dos seus moradores) como superior, média-superior, média, média-popular, popular, popular-subproletária, subproletária e agrícola. Esta primeira classificação, publicada em Carvalho e Pereira (2006), foi baseada na comparação da composição das AEDs, destacando-se a predominância que determinadas categorias assumiam no espaço para caracterizar as tipologias sócio-espaciais.

Neste caso, o que definiu a tipologia de uma área é a super-representação de uma categoria ocupacional naquela área, comparada a sua média na RMS. Assim, uma área superior, por exemplo, não é território exclusivo da elite, que pode compartilhar este espaço com setores médios ou até com trabalhadores de sobrevivência em alguns interstícios, como ocorre em outras cidades, mas é uma área onde as categorias superiores estão super-representadas.

Este primeiro resultado foi refinado utilizando técnicas como a Análise Fatorial por Correspondência Binária e o sistema de Classificação Hierárquica Ascendente (CHA). A primeira cria fatores pela ordem de explicação do problema, permitindo a diminuição da dimensionalidade do universo com que se está trabalhando e o conhecimento da importância de cada variável na composição da variação dos principais fatores. A segunda é um instrumento para definir agrupamentos a partir das informações dos fatores extraídos na análise fatorial, levando em conta a proximidade dos perfis das áreas e a sua distância em relação ao perfil médio.

O resultado das operações nos levou a definir 7 tipologias no território metropolitano, com a supressão da tipologia que havia sido chamada de sub-proletária, que aparecia em somente uma AED da Região Metropolitana de Salvador (Carvalho e Pereira, 2006) e uma mudança de denominação das áreas que refletisse com mais clareza a composição das mesmas.

Para se chegar ao resultado final, com a identificação dos sete tipos de áreas, foi necessário proceder-se a uma seqüência de análises fatoriais e operações de classificação, no total de quatro rodadas, com a finalidade de alcançar resultados mais refinados, uma vez que, fora os espaços onde predominam as camadas superiores e o de predominância de camadas populares e agricultores, nos demais o perfil social não se expressa com muita nitidez, em virtude de um alto grau de mistura social existente.

No processo de constituição da tipologia sócio-espacial, com os seus sete tipos de componentes, utilizamos as densidades (frequência das CAT's de cada Tipologia, em comparação com a frequência total da RMS). As categorias divididas em vinte e quatro ocupações, variam das de nível Superior(CAT's 21 à 44), passando por ocupações Médias (CAT's 51 à 55) e contemplando atividades de nível Popular (CAT's 10 e 61 à 82). Através da análise qualitativa destas densidades podemos identificar quais as ocupações que mais se destacavam em determinada área.

O quadro abaixo mostra a composição de cada área pelas diferentes ocupações.

Quadro 02 - Distribuição das CATs nas tipologias sócioespaciais

| CATs / Tipologias sócioespaciais | Superior | Média-Superior | Média | Popular | Popular Inferior | Popular Operário Agrícola | Agrícola | Total RMS |
|---|-----------------|-----------------------|--------------|----------------|-------------------------|----------------------------------|-----------------|------------------|
| Dirigentes | 41,46 | 31,93 | 10,43 | 7,22 | 4,11 | 3,54 | 1,31 | 100 |
| Grandes Empregadores | 49,47 | 29,62 | 8,54 | 6,35 | 3,96 | 1,31 | 0,75 | 100 |
| Dirigentes do Setor Público | 28,11 | 30,92 | 16,40 | 8,40 | 7,40 | 5,77 | 3,01 | 100 |
| Dirigentes do Setor Privado | 37,91 | 35,14 | 10,00 | 7,72 | 2,81 | 5,20 | 1,22 | 100 |
| Intelectuais | 28,68 | 34,74 | 20,60 | 6,86 | 5,75 | 2,03 | 1,34 | 100 |
| Profissionais Autônomos de Nível Superior | 31,30 | 31,33 | 18,02 | 6,81 | 6,84 | 3,20 | 2,51 | 100 |
| Profissionais Empregados de Nível Superior | 30,97 | 36,96 | 17,74 | 6,48 | 5,62 | 1,48 | 0,75 | 100 |
| Profissionais Estatutários de Nível Superior | 33,68 | 35,27 | 19,25 | 4,83 | 5,29 | 1,57 | 0,13 | 100 |
| Professores de Nível Superior | 20,59 | 32,86 | 28,28 | 8,41 | 5,41 | 2,38 | 2,08 | 100 |
| Pequenos Empregadores | 24,44 | 31,45 | 19,33 | 11,49 | 8,17 | 3,13 | 1,99 | 100 |
| Pequenos Empregadores | 24,44 | 31,45 | 19,33 | 11,49 | 8,17 | 3,13 | 1,99 | 100 |
| Ocupações Médias | 7,88 | 19,54 | 36,12 | 14,21 | 15,61 | 4,41 | 2,22 | 100 |
| Ocupações de Escritório | 6,25 | 18,18 | 38,70 | 14,59 | 16,04 | 4,32 | 1,92 | 100 |
| Ocupações de Supervisão | 12,88 | 24,61 | 28,44 | 14,36 | 13,78 | 3,86 | 2,06 | 100 |
| Ocupações Técnicas | 9,51 | 22,87 | 34,74 | 13,88 | 13,70 | 3,81 | 1,50 | 100 |
| Ocupações Médias da Saúde e Educação | 4,83 | 15,13 | 36,89 | 14,91 | 17,89 | 6,52 | 3,82 | 100 |
| Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios | 8,04 | 16,27 | 41,48 | 11,98 | 17,04 | 3,05 | 2,14 | 100 |
| Ocupações Artísticas e Similares | 10,70 | 23,87 | 32,14 | 13,05 | 14,57 | 3,37 | 2,30 | 100 |
| Trabalhadores do Terciário Especializado | 1,86 | 10,19 | 34,93 | 17,82 | 25,68 | 6,43 | 3,09 | 100 |
| Trabalhadores do Comércio | 2,70 | 11,65 | 34,93 | 18,06 | 23,82 | 6,19 | 2,64 | 100 |
| Prestadores de Serviços Especializados | 1,13 | 8,92 | 34,93 | 17,61 | 27,29 | 6,63 | 3,48 | 100 |
| Trabalhadores do Secundário | 1,07 | 6,84 | 27,12 | 20,46 | 28,66 | 11,53 | 4,32 | 100 |
| Trabalhadores da Indústria Moderna | 1,15 | 7,04 | 28,66 | 21,05 | 22,28 | 16,84 | 2,99 | 100 |
| Trabalhadores da Indústria Tradicional | 1,91 | 8,05 | 33,15 | 18,73 | 28,35 | 7,58 | 2,22 | 100 |
| Operários dos Serviços Auxiliares | 1,33 | 7,69 | 30,27 | 21,43 | 25,14 | 10,71 | 3,43 | 100 |
| Operários da Construção Civil | 0,57 | 5,81 | 22,31 | 20,34 | 33,87 | 10,81 | 6,30 | 100 |
| Trabalhadores do Terciário Não Especializado | 4,61 | 11,07 | 26,23 | 15,31 | 30,62 | 6,65 | 5,51 | 100 |
| Prestadores de Serviços Não Especializados | 1,00 | 7,41 | 30,56 | 16,35 | 30,98 | 7,88 | 5,83 | 100 |
| Trabalhadores Domésticos | 7,75 | 14,05 | 21,78 | 14,55 | 30,35 | 5,13 | 6,40 | 100 |
| Ambulantes e Biscateiros | 2,21 | 9,04 | 30,53 | 15,70 | 30,78 | 8,38 | 3,36 | 100 |
| Agricultores | 2,07 | 4,27 | 9,29 | 10,59 | 12,70 | 22,22 | 38,87 | 100 |
| agricultores | 2,07 | 4,27 | 9,29 | 10,59 | 12,70 | 22,22 | 38,87 | 100 |
| TOTAL | 6,80 | 14,67 | 30,05 | 15,72 | 22,27 | 6,67 | 3,82 | 100 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 (Metrodata) – elaboração dos autores

No processo de conformação do TIPO 1, observamos os altos índices de contribuição das CAT's Superiores. Categorias como as de *Grandes Empregadores*

tiveram valores sete vezes maiores que a média de toda a população da RMS, assim como as demais categorias que caracterizam as categorias de nível superior variando sempre entre três à quatro vezes o valor do total. Desta forma, alcançamos o primeiro tipo, denominado: SUPERIOR.

O TIPO 2 conta com densidades elevadas comparadas com os demais tipos nas ocupações de nível superior, ficando abaixo somente do TIPO 1, já classificado como SUPERIOR. Observamos ainda que este TIPO 2, possuía os maiores índices de ocorrência nas categorias ocupacionais MÉDIAS SUPERIORES, sendo alocado abaixo do TIPO 1 e sendo denominado MÉDIO SUPERIOR.

O TIPO 3 estava numa situação diferenciada por possuir índices aparentemente equivalentes aos do TIPO 2 com relação às categorias ocupacionais médias, porém em relação às médias superiores, apresentava índices muito mais baixos. No entanto, este tipo possuía também índices consideráveis em ocupações consideradas mais populares. Estas categorias foram classificadas como sendo mais relevantes nas áreas mais tradicionais da cidade, revelando uma população que habita regiões mais populares, entretanto ocupando cargos socialmente mais relevantes. A este tipo foi denominado MÉDIO.

Depois da conformação dos tipos anteriores, ficou um grupo de AED's que conformam o que chamamos de tipos populares. Houve um maior detalhamento posterior deste grande grupo formando mais 4 tipos, partindo da POPULAR mais evidenciada, chegando a POPULAR AGRICOLA.

O TIPO 4 apresenta, como no TIPO 3, índices consideráveis nas ocupações ditas médias, entretanto, destacam-se as categorias mais abaixo na classificação, de nível popular. Desta forma, este é o primeiro a se encaixar como: POPULAR.

O TIPO 5 encontra-se um nível abaixo do POPULAR. Possui índices um tanto mais elevados que o TIPO 4 nas ocupações populares e menores na comparação com categorias ocupacionais médias. Na divisão destas camadas populares, o TIPO 5 foi intitulado: POPULAR INFERIOR.

O TIPO 6 destaca-se pelos elevados índices de atuação na CAT 10 (Agricultores). Estes índices concorrem ainda, com os das CAT's populares, destacando-se a CAT *Operários da Construção Civil* e a CAT *Trabalhadores da Indústria Moderna*. Desta forma resolvemos denominá-la: POPULAR OPERÁRIO AGRICOLA, por serem estas as duas categorias que mais influenciaram na análise da área.

O TIPO 7 destaca-se das outras áreas populares pela atuação forte da categorias *Agricultores*. O maior índice registrado desta categoria e os valores mais evidentes também nas CAT's populares, faz deste TIPO 7 uma área de preponderância destas categorias, com uma ocorrência elevada de trabalhadores que vivem da agricultura.

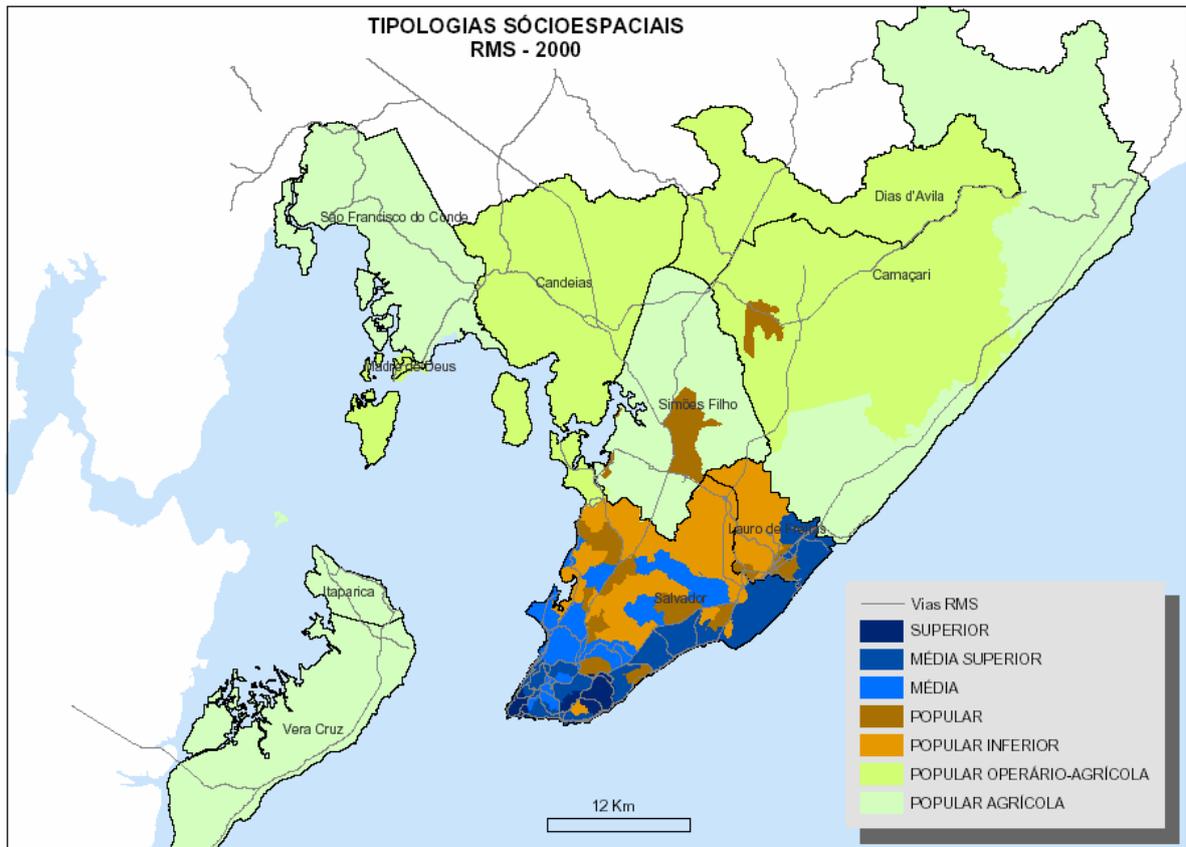
As 7 tipologias socioespaciais foram denominadas de **superior; média-superior; média; popular; popular-inferior; popular operária agrícola; popular-agrícola**. A denominação expressa uma hierarquia social e a composição sócio-ocupacional predominante em cada área e caracteriza áreas diferentes entre si. Os resultados da distribuição das tipologias e da composição das AEDs pode ser vista na tabela 01 e os resultados espaciais no mapa 1, que mostra a distribuição das tipologias sócioespaciais na RMS e no mapa 2, que mostra a distribuição em Salvador.

TABELA 01 - DISTRIBUIÇÃO DAS AEDS, DA POPULAÇÃO TOTAL, DA POPULAÇÃO OCUPADA, DA ÁREA E DENSIDADE SEGUNDO OS TIPOS - RMS 2000

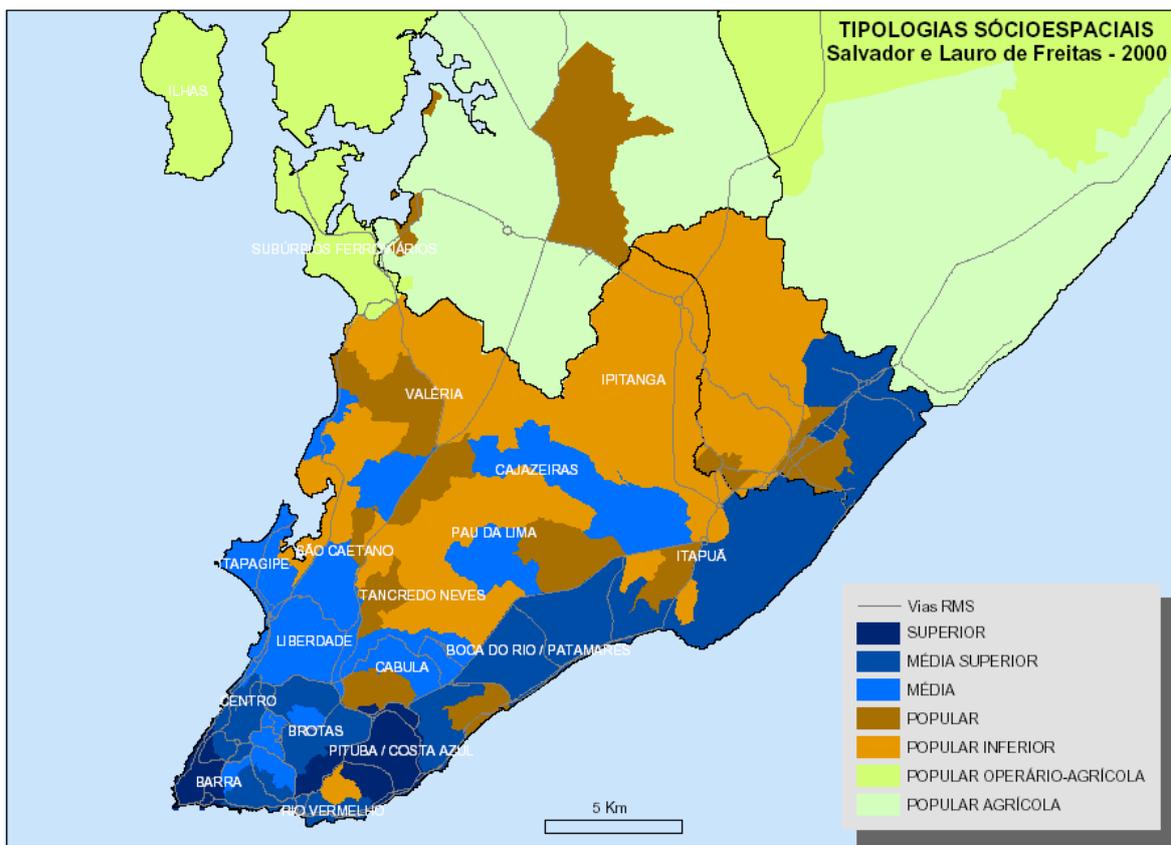
| TIPOLOGIAS | no. de AEDS | População Total | População Ocupada | Percentual de AEDS | Percentual de população total |
|---------------------------|-------------|-----------------|-------------------|--------------------|-------------------------------|
| SUPERIOR | 7 | 154134 | 76893 | 6,48 | 5,10 |
| MÉDIO SUPERIOR | 16 | 366397 | 165751 | 14,81 | 12,13 |
| MÉDIO | 28 | 902007 | 338321 | 25,93 | 29,85 |
| POPULAR | 16 | 490954 | 176996 | 14,81 | 16,25 |
| POPULAR INFERIOR | 29 | 725383 | 250381 | 26,85 | 24,01 |
| POPULAR OPERÁRIO AGRÍCOLA | 6 | 245532 | 75197 | 5,56 | 8,13 |
| POPULAR AGRÍCOLA | 6 | 137165 | 43252 | 5,56 | 4,54 |
| Total RMS | 108 | 3021572 | 1126792 | 100 | 100 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 (Metrodata) – elaboração dos autores

Mapa 1
Tipologias Sócioespaciais – RMS



Mapa 2
Tipologias Sócioespaciais - Salvador



2. Desigualdades sócioespaciais e segregação residencial

A análise dos mapas 1 e 2 torna evidente a ocupação da Orla atlântica de Salvador e de Lauro de Freitas pelas tipologias *superior* e *média superior*, onde predominam grandes empregadores, dirigentes e “intelectuais”, em uma mancha praticamente contínua, limitada a oeste pela Avenida Paralela, eixo viário importante que faz a ligação de Salvador com o vetor de expansão do Litoral Norte e se configura como a fronteira dessa “cidade superior” com as áreas médias e populares, ressalvando-se o enclave que se constitui o Nordeste de Amaralina, bairro popular com alta densidade demográfica que rompe a continuidade da mancha, e que se caracteriza como uma área *popular inferior*, o que também ocorre com o bairro da Boca do Rio, um pouco mais ao norte, que é classificado como uma área *popular* (ver o mapa 2 acima). Nesses espaços superiores, encontram-se os equipamentos públicos e privados mais importantes, modernos centros de comércio e de serviços, redes de infra-estrutura – energia, esgoto,

água, telefonia, coleta de lixo, sistema viário - as oportunidades de trabalho e de obtenção de renda e alguns trechos com baixa densidade demográfica.

Enquanto os grupos dos grandes empregadores e dirigentes e dos trabalhadores intelectuais se distribuem na Orla Atlântica de Salvador e de Lauro de Freitas, em manchas quase contínuas, destacando-se as falhas representadas pelo Nordeste de Amaralina, Boca do Rio e parcela de Itapuã, o proletariado se distribui no restante da região metropolitana, ocupando a Salvador que as elites deixaram para trás e os demais municípios da RMS, com a exceção da orla de Lauro de Freitas.

Já os setores médios ocupam o centro tradicional e as áreas mais antigas da cidade, como a Vitória, áreas sem dinamismo, com alta densidade demográfica, mas com infraestrutura. As áreas populares são as que abrigam a população que não tem possibilidade de consumir o espaço da cidade moderna nem da cidade tradicional e vai se alojar tipicamente em parcelamentos clandestinos e habitações precariamente auto-construídas. Como já foi mencionado, as áreas populares ocupam, em Salvador, a região que hoje se chama de Miolo, que é o trecho entre a BA-324 e a avenida Paralela (onde estão bairros como Tancredo Neves e Cajazeiras) e parte da orla da Baía de Todos os Santos, no chamado Subúrbio Ferroviário, em São Caetano, Valéria e Liberdade, dividindo o espaço com as áreas do sub-proletariado em Salvador e no restante da RMS. Ao contrário das ocupações populares, os trabalhadores da sobrevivência coexistem também ao longo da Orla Atlântica, em interstícios das áreas superiores.

Eles também evidenciam que a maioria dos municípios da RMS não possui uma maior densidade demográfica e que as suas sedes se caracterizam como áreas de base popular ou média popular, com exceção de Lauro de Freitas. Conurbado com Salvador, esse município vem apresentando um elevado crescimento nas últimas décadas, como já foi visto, atraindo contingentes expressivos e bem diferenciados de novos moradores. De um lado estão empresários, dirigentes, trabalhadores intelectuais e outras categorias de alta e média renda, muitos deles trabalhando no pólo industrial de Camaçari ou em Salvador, que se dirigem para os numerosos loteamentos e condomínios horizontais fechados locais em busca de uma melhor qualidade de vida, segurança e bom acesso aos serviços, cujo incremento vem sendo estimulado pela prefeitura. Do outro, trabalhadores pobres atraídos pelos preços e condições de pagamento dos loteamentos populares que começaram a ser implantados de forma precária e irregular desde 1970 em fazendas e sítios do distrito de Itinga, e onde já se aglomeram cerca de 42.000 pessoas. (Dias, 2005).

Finalmente, vale lembrar a estreita articulação existente entre a segmentação e diferenciação espacial, social e racial, uma vez que as áreas de tipo superior e médio superior são as áreas “brancas” da RMS; onde a presença dos negros (considerando a soma de pardos e pretos) não vai além de 34% e 58,7%. Nas áreas do tipo médio e popular essa presença sobe a 79,4 e 79,6%, enquanto naquelas popular-inferior, popular operário agrícola e popular agrícola esses números chegam a 84,2%, 83,9% a 84,7%, respectivamente.

A associação existente entre as dimensões sócio-ocupacional e racial constitui um outro aspecto relevante para a análise da Segregação. Como se sabe, em decorrência da sua história, Salvador tem uma grande influência negra e uma população onde 54,8% se identificaram como pardos e 20,4% como pretos no Censo de 2000. Secularmente discriminados e com restritas oportunidades de educação, inserção produtiva e ascensão social, pretos e pardos tem ficado, historicamente, na base da pirâmide social.

Observando-se a distribuição das raças pelas categorias ocupacionais utilizadas nesta pesquisa, por exemplo, verifica-se que 3,1% dos brancos encontravam-se entre os dirigentes e grandes empregadores e 15,4% na categoria dos profissionais de nível superior; 5,7% eram pequenos empregadores, 37,6% exerciam ocupações típicas das classes médias (como ocupações técnicas, de supervisão e de escritório), 10,4% trabalhavam no setor secundário, 17,0% no terciário relativamente especializado e 10,2% como prestadores de serviços não especializados, empregados domésticos, ambulantes e biscateiros no ano 2000.

No caso dos pardos, a participação entre dirigentes e grandes empregadores restringia-se a 0,8%, entre os profissionais de nível superior a 5,1%, entre os pequenos empregadores a 1,7% e entre os que desempenhavam ocupações de nível médio a 28,2%. Já entre os trabalhadores na indústria seu peso chegava a 19,1%, principalmente em decorrência do desempenho de atividades na construção civil, que absorvia 7,7% dos ocupados nesse grupo; entre os prestadores de serviços relativamente especializados sua presença chegava a 23,4% e entre os prestadores de serviços não especializados a 21,2%.

A inserção dos negros que se identificaram como pretos era bem mais precária; não mais que 0,3% deles integravam o grupo dos grandes empregadores e dirigentes, 3,5% o dos profissionais de nível superior e 0,9% o dos pequenos empregadores; 23,6% tinham ocupações de nível médio e 21,7% trabalhavam na indústria, metade dos quais na construção civil; ocupados no terciário relativamente qualificado estavam 23,1%, e no

sub-proletariado, como prestadores de serviços não especializados, empregados domésticos, ambulantes e biscateiros, 34,1%.

Como a posição na estrutura social e a apropriação do espaço urbano são estreitamente articuladas, o território metropolitano termina por assumir diferentes “cores”. A área central de Salvador (onde ficam bairros como Barris, Graça e Canela) e a faixa da Orla Atlântica que vai de Salvador a Lauro de Freitas, onde se concentram as oportunidades de trabalho, a maior parte dos equipamentos urbanos e os espaços classificados como superiores e como médio superiores constituem as áreas residenciais privilegiadas da parcela branca da população. Ela está especialmente super representada nos espaços superiores da Barra e da Pituba/Costa Azul. Já o Miolo e o Subúrbio, que apresentam condições mais precárias de habitabilidade e uma menor oferta de equipamentos e serviços urbanos, concentrando as áreas classificadas como populares, abrigam predominantemente os pretos e os pardos. Eles se concentram, especialmente, em bairros como a Liberdade (onde há uma forte identidade étnica, por conta de movimentos sociais e culturais ali sediados), São Caetano, Tancredo Neves, Pau da Lima, Cajazeiras. Na Orla Atlântica eles vão aparecer no enclave do Nordeste de Amaralina (a área ao lado da Pituba e próxima ao Rio Vermelho), na Boca do Rio, no Bairro da Paz, uma invasão relativamente recente que foi erradicada nos anos 80 e se consolida nos anos 90 (Pereira, 1989) e o Calabar, próximo ao bairro da Barra. O mapa 3 expressa a distribuição espacial das cores predominantes no território de Salvador e o quadro 3 mostra a distribuição por tipologias.

Quadro 03 – Tipologia sócioespacial e distribuição racial

| Tipos | BRANCA | Preto+Pardo |
|------------------|-----------------|--------------|
| SUPERIOR | 64,76548 | 34,03 |
| MÉDIO SUPERIOR | 39,88845 | 58,70 |
| MÉDIO | 18,92744 | 79,44 |
| POPULAR | 18,39312 | 79,60 |
| POPULAR INFERIOR | 13,68805 | 84,20 |
| POPULAR OPERÁRIO | | |
| AGRÍCOLA | 14,12359 | 83,99 |
| POPULAR AGRÍCOLA | 12,52737 | 84,73 |
| Total RMS | 21,78192 | 76,38 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 (Metrodata) – elaboração dos autores

Outra pesquisa, com base em mapeamentos das condições de habitabilidade, estima que o déficit qualitativo da ocupação, compreendendo deficiências urbanísticas como ausência de espaços públicos, equipamentos, serviços coletivos e regularização fundiária, seria equivalente a cerca de 400 mil domicílios, cerca de 60% da população (Souza, 2000). Nesse sentido, além da necessidade de novas unidades habitacionais decorrente do crescimento populacional, o déficit habitacional constituído historicamente, abrange as deficiências ambientais e de infra-estrutura física e social.

Assim, a trajetória de Salvador e dos municípios que hoje compõem a sua região metropolitana, marcada por décadas de estagnação econômica, pela pobreza da população e por um processo de modernização excludente, vai se refletir na sua conformação urbana, nos problemas de moradia e na disponibilidade de infra-estrutura e serviços urbanos.

Desde a década de 1940 que, em Salvador, o acesso à moradia da população de baixa renda esteve vinculado a processos de parcelamento improvisado e auto-construção envolvendo as invasões, os loteamentos clandestinos e outras formas de moradia deficientes de atributos de habitabilidade, que constituem a ocupação informal na área urbana. Informal no sentido de que se constituíram à revelia dos parâmetros urbanísticos estabelecidos e cresceram fora das regras de segurança e conforto estabelecidos pelo poder público para edificações e parcelamento, portanto, sem controle público. Como a ocupação dessas áreas e a própria expansão da cidade ocorreu dentro do chamado “padrão periférico”, as áreas com condições mais precárias de habitabilidade concentram-se no Subúrbio Ferroviário e no Miolo, enquanto aquelas em melhores condições estão na área central e na faixa ao longo da Orla Atlântica, ainda que, também inseridas nesse tecido, existam algumas poucas e pequenas ilhas de ocupação informal e deficiente, ocorridas quando essas áreas não eram valorizadas. Coincidindo com a divisão que a Geografia Social revelou entre as áreas “superiores” e “populares”, mencionada no tópico anterior deste texto.

No início dos anos 2000 o município de Salvador, chega a quase 2,5 milhões de habitantes, se constituindo uma das capitais de maior densidade demográfica no Brasil. Esta condição, associada aos baixos rendimentos da maioria da sua população e a poucos investimentos públicos na produção habitacional de interesse social, confere ao município condições muito restritas de expansão na ocupação do seu território. Esses fatores contribuem para a existência de poucas áreas livres possíveis para ocupação habitacional, situação que se agrava pela presença de grandes extensões de reservas

ambientais, com a presença de mananciais aquíferos interligados, áreas de extrema vulnerabilidade à pressão imobiliária.

Esse quadro de restrições para o município de Salvador, que concentra 80% da população da sua região metropolitana, tem contribuído para um processo crescente de verticalização das áreas informais, que passam a atingir mais de três pavimentos, contribuindo para o agravamento das condições de habitabilidade nessas áreas, que desde a sua ocupação primária já atingia altas taxas de ocupação do solo. Além disso, são frequentes nos novos processos de ocupação, a construção de habitações em áreas de risco e de reservas ambientais, observando-se também na dinâmica habitacional recente, um intenso processo de ocupação de prédios vazios e ociosos na área central da cidade por famílias sem-teto, sobretudo na área do Comércio e na antiga zona industrial de Itapagipe.

Nos demais municípios da RMS, as evidências do ambiente construído nas suas sedes demonstram claramente a predominância de áreas informais, com alto grau de deficiências urbanísticas, seguindo o mesmo padrão de precariedade física e de periferação no contorno dos núcleos centrais, semelhantes ao que ocorre em Salvador, ainda que abrangendo uma menor população. Atualmente os maiores índices de crescimento populacional se situam nos municípios vizinhos à Salvador, ou seja Lauro de Freitas, Simões Filho e Camaçari. O primeiro atraindo uma população de renda mais alta em função da expansão de serviços urbanos, sobretudo turísticos, na direção do litoral norte e os demais, ainda pela forte presença de indústrias implantadas a partir da década de 1970 e, mais recentemente, com a instalação do complexo automobilístico da Ford.

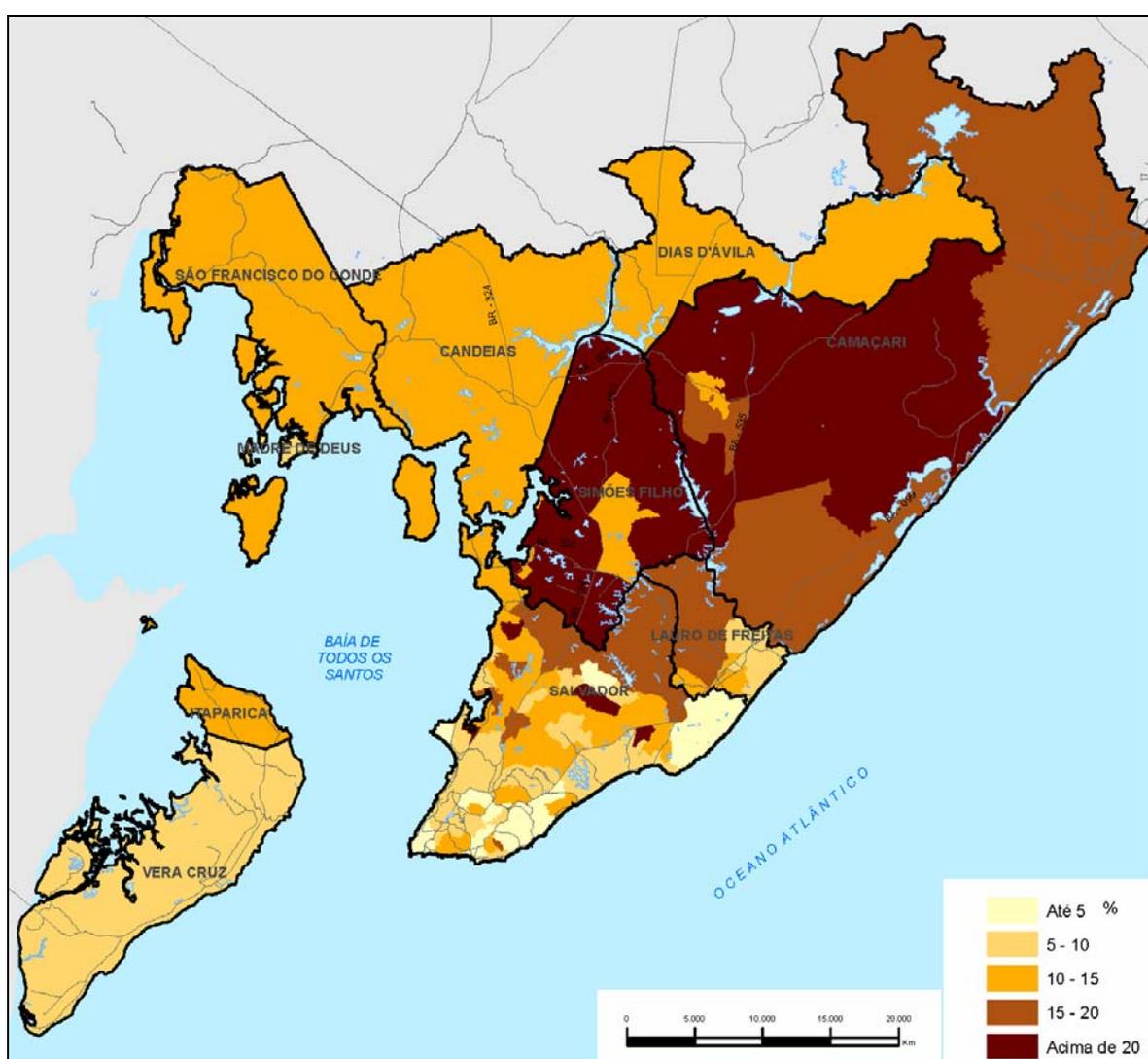
Para caracterização dos padrões de moradia foram tomados dois indicadores, ambos variáveis do censo de 2000: “habitação com até 3 cômodos” e “domicílio tipo apartamento”.

Para a identificação das áreas de ocupação informal existentes em 2000 utilizou-se como indicador a variável do último Censo sobre “habitação com até 3 cômodos”, que indica sua provável precariedade pois caracteriza a convivência na moradia de usos conflitantes – cozinha, banheiro, dormitório e estar –, que usualmente são exercidas em locais exclusivos no domicílio e dizem respeito às funções de preparo de alimentos, higiene pessoal, repouso e estar. Em Salvador esses domicílios constituíam 14,7%, embora em termos absolutos seu número fosse elevado: 95.537, de um total de 651.000 domicílios existentes em 2000 na capital. Nos demais municípios da Região

Metropolitana esse percentual era mais significativo, chegando a 20,7% em Dias D'Ávila, 23% em Simões Filho e 25,3% em Camaçari.

A distribuição espacial de domicílios com até 3 cômodos apresentada no mapa 4 ilustra a concentração de habitações mais precárias e em condições de informalidade; notadamente no centro geográfico na Orla da Baía de Todos os Santos (áreas que correspondem aos Subúrbios Ferroviários e ao Miolo) e nos demais municípios da RMS, com a exceção de Vera Cruz, onde existe um grande número de domicílios voltados ao uso de lazer por residentes de Salvador, as chamadas casas de veraneio.

Mapa 4
Domicílios com até 3 Cômodos
Região Metropolitana de Salvador – 2000



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 (Metrodata) – elaboração dos autores

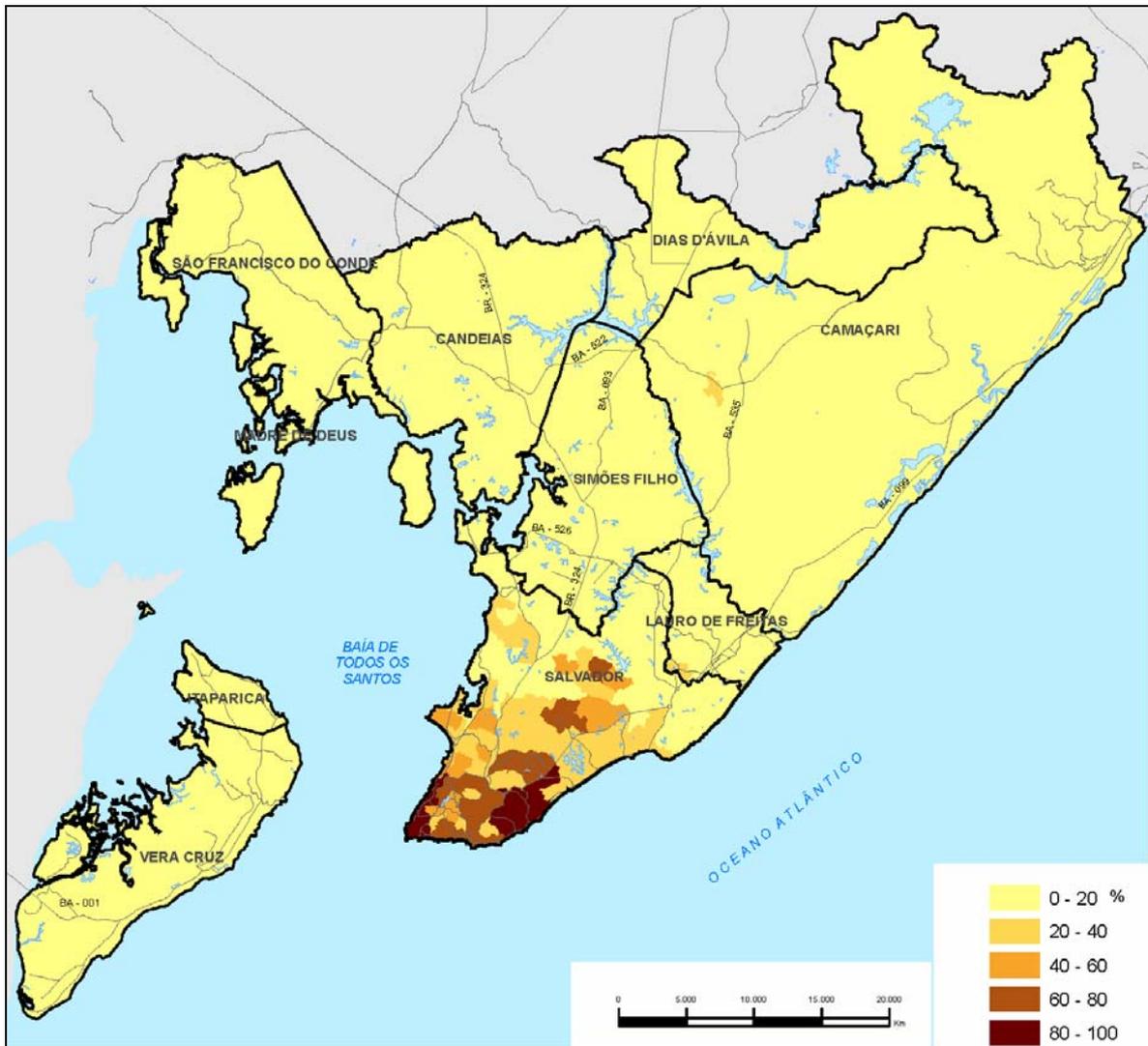
O segundo indicador diz respeito aos domicílios tipo apartamento, que são habitações pluridomiciliares, verticais e normalmente de maior qualidade construtiva,

cujo acesso se dá, quase sempre, através do mercado imobiliário formal. Este tipo de domicílio predomina nas áreas do Centro Tradicional e em parte da Orla Atlântica de Salvador, da Barra até Pituba/Costa Azul. A partir daí as habitações pluridomiciliares convivem com habitações unidomiciliares – casas –, ficando fora deste padrão na Orla somente a área de Itapuã, ao norte do município de Salvador, e Lauro de Freitas, onde predominam habitações horizontais – residências e condomínios, mas de bom padrão construtivo. Nessas áreas não predominam domicílios “tipo apartamento”, nem tampouco domicílios com até 3 cômodos.

Além dessas áreas indicadas existem domicílios tipo apartamento no Miolo, como se vê no mapa 5 que correspondem à conjuntos habitacionais destinados à população de baixa renda e financiados pelo Estado ao tempo do então BNH. Data dos anos sessenta e setenta a periferação dos conjuntos que expressavam então uma forma de segregação sócio-espacial (Sampaio, 1999, p.114). No entorno destas manchas de ocupação por domicílios tipo apartamento existem habitações de até três cômodos, como se percebe pela comparação entre os dois mapas. Notável também é a ausência quase total deste padrão de habitação nos demais municípios da RMS.

A leitura desses dois mapas reforça a percepção de uma cidade dividida também em termos do acesso à moradia. As áreas da Orla são ocupadas por habitações cujo acesso se dá pelo mercado formal, que obedecem às disposições urbanísticas municipais no que diz respeito à edificação e uso do solo. Nos Subúrbios predomina a informalidade, em termos urbanísticos e de mercado assim como a precariedade. No Miolo coexistem habitações formais, conjuntos habitacionais de baixo padrão, loteamentos populares e moradias precárias.

Mapa 5
Domicílios tipo apartamento
Região Metropolitana de Salvador – 2000



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 (Metrodata) – elaboração dos autores

Em termos de infra-estrutura e acesso aos serviços básicos, o avanço que vem se registrando em Salvador não pode ser menosprezado, particularmente o acesso à água e esgoto, bastante abrangente agora. Conforme os dados do Censo de 2000, quase toda a área de Salvador encontrava-se coberta por abastecimento de água por rede geral com canalização em pelo menos um cômodo, situação considerada como adequada. Nos demais municípios da região metropolitana esse abastecimento é mais precário, com as exceções de Dias D'Ávila e Vera Cruz, que apresentam condições um pouco melhores, da orla de Lauro de Freitas, parte da orla de Camaçari e sua sede.

Saliente-se que nem sempre a existência de infra estrutura para a distribuição de água significa qualidade de serviço, já que nos bairros populares é freqüente a interrupção dos serviços, portanto sem a presença constante de água nas torneiras.

O escoamento sanitário adequado, ou seja, domicílios com esgotamento ligado à rede geral ou à fossa séptica, a situação é similar. Salvador apresenta a melhor posição, ainda que a área do município coberta por escoamento sanitário adequado seja bem menor que a área atendida por abastecimento de água, o município tem boa parte de seu território coberto. O programa Bahia Azul e o grande investimento realizado pelo estado em Salvador explicam esta situação. Quanto aos demais municípios, observa-se que a orla de Camaçari não possui escoamento sanitário adequado, fato que poderá vir a causar prejuízos ambientais e de saúde pública, na medida em que a área venha a sofrer adensamento, tendência que se configura hoje, como vimos no capítulo anterior.

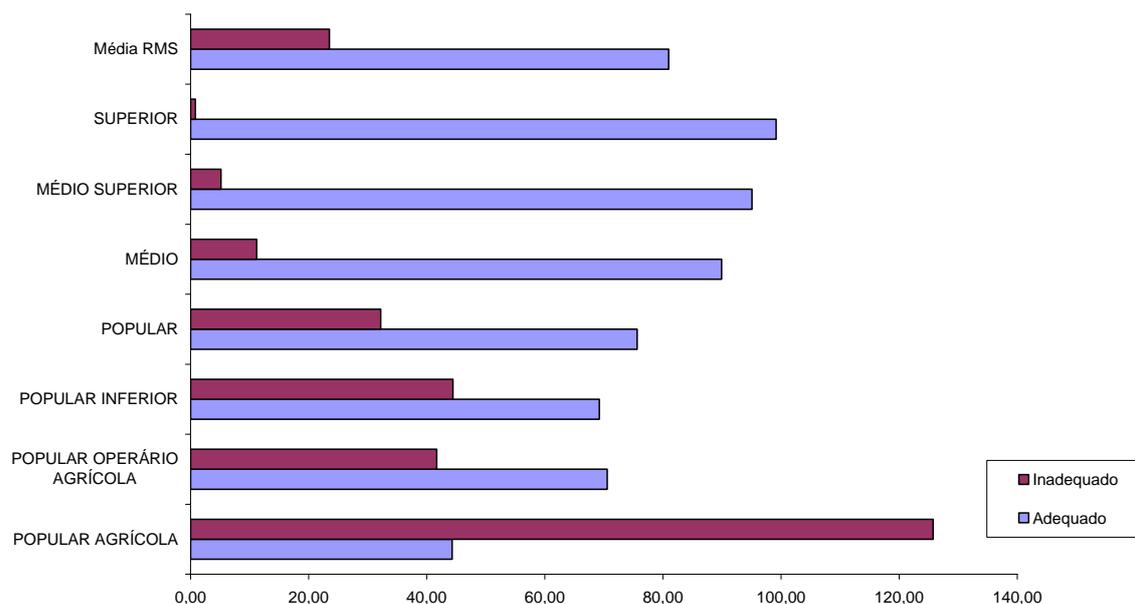
Nesse sentido é importante observar que mesmo nos bairros pobres nos quais a rede de esgotamento sanitário já foi implantada, a solicitação da ligação fica sob a responsabilidade do morador, que em grande parte, por representar demanda insolvável, não realiza este procedimento para evitar o pagamento do serviço, optando assim por continuar a jogar o esgoto diretamente nas valas, fossas ou canais de drenagem próximos.

O cruzamento das condições de saneamento com as tipologias sócioespaciais mostra que com exceção da tipologia popular agrícola, nas demais as condições de saneamento adequadas superam com folga as condições de inadequação, todavia nas demais tipologias populares (popular, popular inferior, popular operário-agrícola) a população que vive em condições de saneamento inadequadas é muito alta chegando a mais da metade da população com condições adequadas na popular inferior e na popular operário-agrícola. No extremo oposto nas áreas superiores pode-se dizer que a totalidade da população vive em condições adequadas de saneamento como mostra o quadro 04 abaixo.

Distribuição da população, segundo as condições de saneamento e os tipos. RMS 2000

| NOME | Nº Domicílios Total | Domicílios Saneamento Adequado | | Domicílios Saneamento Inadequado | |
|---------------------------|---------------------|--------------------------------|--------------|----------------------------------|--------------|
| | | Total | Percentual | Total | Percentual |
| SUPERIOR | 46146 | 45766 | 99,18 | 380 | 0,83 |
| MÉDIO SUPERIOR | 104241 | 99113 | 95,08 | 5127 | 5,17 |
| MÉDIO | 238052 | 214055 | 89,92 | 23996 | 11,21 |
| POPULAR | 127305 | 96281 | 75,63 | 31023 | 32,22 |
| POPULAR INFERIOR | 183966 | 127360 | 69,23 | 56606 | 44,45 |
| POPULAR OPERÁRIO AGRÍCOLA | 57417 | 40525 | 70,58 | 16892 | 41,68 |
| POPULAR AGRÍCOLA | 27475 | 12171 | 44,30 | 15304 | 125,74 |
| Total RMS | 784601 | 635272 | 80,97 | 149330 | 23,51 |

Distribuição da população de acordo com as condições de saneamento, segundo os tipos. RMS 2000



Esses e outros fatores vêm contribuindo para consolidar e acentuar a segmentação e a segregação analisadas ao longo do presente texto. Pois, de um lado a metrópole se expande em direção ao Litoral Norte, com a franja mais próxima ao mar ocupada pelos estratos médios e altos e por grandes equipamentos e empreendimentos imobiliários e turísticos (centros empresariais e de convenções, shoppings centers, complexos de cinema e de lazer, grandes hotéis de luxo) voltados para os segmentos com elevada renda e poder de consumo. Do outro, a maioria da população continua a se aglomerar nos espaços dos antigos bairros populares do centro, do Miolo e dos Subúrbios Ferroviários da capital baiana, assim como em áreas similares dos demais municípios da RMS, subsistindo precariamente em uma “cidade” esquecida e desassistida, que não aparece na mídia nem nos mapas turísticos que vendem os encantos de Salvador

Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa, DIFEL. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

CARVALHO, I. e PEREIRA, G.C. **Como Anda Salvador**. Salvador: EDUFBA, 2006.

IBGE. Censo Demográfico 2000, Documentação dos Microdados da Amostra, 2002.

SAMPAIO, A.H. **Formas Urbanas: cidade real & cidade ideal**. Salvador: Quarteto/PPG-AU, 1999.